

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA



**PROCESSOS SUBJACENTES ÀS INFERÊNCIAS E TRANSFERÊNCIAS
ESPONTÂNEAS DE TRAÇO**

Catarina Costa Gervásio Neves Nunes

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Secção de Cognição Social Aplicada

2012

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA



**PROCESSOS SUBJACENTES ÀS INFERÊNCIAS E TRANSFERÊNCIAS
ESPONTÂNEAS DE TRAÇO**

Catarina Costa Gervásio Neves Nunes

Tese orientada pela Professora Doutora Tânia Ramos
E co-orientada pelo Professor Doutor Leonel Garcia-Marques

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Secção de Cognição Social Aplicada

2012

RESUMO

Na literatura de inferências sociais, os efeitos de Inferência Espontânea de Traço (IET) e Transferência Espontânea de Traço (TET) têm sido amplamente verificados. Estes efeitos ocorrem quando partir de uma descrição comportamental é inferido um traço e esse traço é associado a um actor (IET) ou a um sujeito aleatório (TET). Os mecanismos subjacentes a estes efeitos estão ainda por esclarecer: a TET, pela sua natureza, terá por base processos associativos simples, já a IET poderá ter uma natureza atribucional ou ser também um processo meramente associativo. O presente estudo pretendeu esclarecer esta problemática, com recurso ao paradigma dos falsos reconhecimentos e do procedimento de dissociação de processos (PDP), para estimar os contributos automáticos e controlados para IETs e TETs. Os resultados não encontraram diferenças ao nível do componente controlado, sendo o componente automático superior para o caso das IETs, o que vai no sentido oposto de estudos anteriores para a definição da natureza de cada um dos fenómenos. Os resultados encontrados poderão indicar que a análise de falsos reconhecimentos mediante a aplicação do PDP possa conduzir a enviesamentos. Para tentar esclarecer sobre a natureza atribucional das IETs, é proposta uma investigação recorrendo ao paradigma dos falsos reconhecimentos e incluindo inferências instrumentais (não atribucionais). Caso as IETs sejam de facto um processo atribucional não deverá haver associação dos instrumentos com o actor, apenas com os sujeitos aleatórios.

Palavras-chave: Inferência espontânea de traço, transferência espontânea de traço, procedimento de dissociação de processos, associativo, atribucional

ABSTRACT

Spontaneous Trait Inference (STI) and Spontaneous Trait Transference (STT) are two effects that have been widely verified in social inferences investigation. These effects occur when subjects infer a personality trait from a behavioral description and this trait becomes associated with an actor (STI) or a random person (STT). The mechanisms underlying these effects are still uncertain, although previous research has suggested that STT is a simple associative effect whereas STI may be either an attributional or associative one. The present investigation was designed to estimate the automatic and controlled processes in both STI and STT, using the False Recognition Paradigm and the Process Dissociation Procedure (PDP). Results have shown no differences in the controlled processes for both effects, while automatic processes were higher in STI than STT, contrarily to what had previously been suggested. These findings may indicate that applying the PDP to the false recognition paradigm may bias the results. Further research is suggested to explore the attributional nature of STI, including in the False Recognition Paradigm a non attributional type of inferences – instrumental inferences. If STI is an attributional effect, instruments must not be associated with the actor, only with the random photo.

Keywords: Spontaneous trait inference, spontaneous trait transference, process dissociation procedure, associative, attributional

Índice

1. Introdução	5
1.1. Inferências Espontâneas de Traço	6
1.1.1. Evidências de IET	7
1.1.1.1.Paradigma de Reconhecimento do Alvo	9
1.1.1.2.Paradigma da Reaprendizagem	10
1.1.1.3.Paradigma dos Falsos Reconhecimentos	11
1.2.Transferências Espontâneas de Traço	12
1.3.Processos Subjacentes aos efeitos de IET e TET	14
2. O presente estudo	18
2.1.Método	21
2.2.Procedimento	21
2.3.Resultados	23
2.4.Discussão	24
3. Proposta de Investigação	28
3.1.Introdução	28
3.2.Método	32
3.3.Procedimento	33
4. Conclusão	35
5. Bibliografia	37

1. Introdução

No mundo social, a forma que temos de adquirir conhecimento acerca dos outros é através da informação que nos é dada a partir dos comportamentos que estes realizam. Facilmente concluímos que o João é inteligente quando sabemos que, por exemplo, ele ganhou um torneio de xadrez com mais de 50 participantes, ou que a Inês, que ajudou a vizinha idosa a carregar os sacos das compras, é uma pessoa prestável. Fazer inferências acerca das disposições ou traços de personalidade de uma pessoa a partir do seu comportamento é um processo com importantes funções sociais, uma vez que nos permite caracterizar e compreender os outros, prever com alguma fiabilidade as suas acções e orientar a nossa interacção social (Uleman, Newman & Moskowitz, 1996).

A investigação em Psicologia Social acerca deste fenómeno inicialmente considerava as inferências como sendo um processo fundamentalmente deliberado e consciente (Heider, 1958; Jones & Davis, 1965; Kelley, 1967). De facto, estas inferências podem ser feitas deliberadamente, quando pretendemos obter informações sobre uma determinada pessoa, havendo nestas circunstâncias uma ligação em memória explícita entre os traços inferidos e o actor (Uleman et al., 1996). No entanto, estas inferências acerca da personalidade dos outros muitas vezes ocorrem espontaneamente, sem intencionalidade, constituindo uma interpretação (necessária e útil) do comportamento dos outros.

A realização de inferências de traço com base em comportamentos na ausência de intenção foi pela primeira vez demonstrada por Winter e Uleman (1984) com recurso ao paradigma de recordação com pistas. Este fenómeno designa-se como inferência espontânea de traço (IET) e ocorre quando, a partir de um comportamento que é realizado por um actor, se infere um traço de personalidade na ausência de intenção específica para que essa inferência ocorra. As IET ocorrem espontaneamente, sem que seja pedido aos sujeitos que formem impressões acerca do actor de um comportamento (Winter & Uleman, 1984), sem que os sujeitos tenham consciência da sua ocorrência e são correspondentes a um actor (Carlston & Skowronski, 1994; Uleman, 1987; Uleman & Moskowitz, 1994; Winter & Uleman, 1984; Winter, Uleman & Cunniff, 1985).

A investigação em IET foi aprofundada com recurso a diferentes paradigmas, tendo Carlston, Skowronski e Sparks (1995) verificado, através da utilização de um novo paradigma (paradigma da reaprendizagem (Carlston & Skowronski, 1994)) que os traços inferidos a partir de um comportamento podiam ficar associados a outra pessoa

que não o actor (no caso o comunicador do comportamento), ocorrendo esta associação também de forma inconsciente. Pensou-se inicialmente que este fenómeno, que se denominou transferência espontânea de traço (TET) podia dever-se a um erro de interpretação dos participantes (que poderiam não estar atentos às instruções sobre a quem se referia o comportamento) ou ao facto de os mesmos participantes assumirem que o comunicador do comportamento (que na experiência de Carlston e Skowronski era descrito como um amigo do actor) partilharia o traço implicado na descrição comportamental. No entanto, estudos posteriores mostraram que as TET persistem mesmo quando o comunicador é apresentado com um género diferente do do actor (Carlston & Skowronski, 2005) e quando os participantes eram informados de que não havia qualquer relação entre a pessoa e a descrição do comportamento (Skowronski, Carlston, Mae & Crawford, 1998).

Existem semelhanças entre o efeito de IET e TET, mas não é claro se os processos que estão na base de ambos os efeitos são ou não os mesmos. A questão sobre a natureza destes dois efeitos representa um debate actual, havendo na literatura duas posições divergentes – uma que considera a existência de dois mecanismos cognitivos distintos (e.g. Crawford et al., 2007), sendo as TET meramente associativas e as IET baseadas num processo inferencial, e outra que propõe que ambos os efeitos podem ser explicados por processos associativos simples (e.g. Bassili & Smith, 2002).

Numa tentativa de esclarecer a natureza destes dois efeitos, foi realizada a presente investigação com recurso ao PDP (procedimento de dissociação de processos) (Jacoby, 1991; Jacoby, Toth & Yonelinas, 1993), procedimento que permite estimar a contribuição de processos automáticos e controlados numa mesma tarefa. Para melhor compreensão da investigação realizada, será feita uma exposição mais detalhada sobre os efeitos de IET e TET, começando por rever a literatura em IET de forma a examinar a natureza espontânea dessas inferências, seguindo-se uma revisão de literatura do efeito de TET, comparando em seguida as duas posições divergentes acima descritas quanto à natureza de ambos os efeitos.

1.1. Inferências Espontâneas de Traço

As inferências de traço começaram por ser encaradas como uma análise atribucional (Heider, 1958; Jones & Davis, 1965; Kelley, 1967). Hoje sabemos que as inferências de traço ocorrem na ausência de intenção específica para formar impressões

ou inferir traços acerca de um actor, durante o processo de codificação de descrições comportamentais. A investigação tem demonstrado que as pessoas fazem inferências não só na ausência de instruções explícitas para as fazer, mas também sem consciência de as terem feito. Esta visão retoma a ideia de Asch que já considerava a hipótese de as inferências de personalidade poderem ser automáticas (Asch, 1946).

1.1. 1. Evidências de IET

Como anteriormente referido, Winter e Uleman (1984) foram os primeiros autores a verificar a ocorrência do efeito de IET, com base no princípio de codificação específica (Tulving & Thomson, 1973), em que a ideia central é que a eficácia de uma pista de memória depende de se ter estabelecido uma associação entre essa pista e o item a recuperar durante a codificação do item. (Thomson & Tulving, 1970). Partindo deste princípio, se o traço for espontaneamente inferido, então será uma boa pista para a recordação do comportamento (Winter & Uleman, 1984). Os autores recorreram ao paradigma de Recordação com Pistas, pedindo aos sujeitos que memorizassem listas de frases referentes a comportamentos implicativos de traço (e.g. “*A pianista deixou a carteira no banco do metro*”). Seguidamente realizavam uma tarefa de recordação em três condições distintas: uma em que as pistas de recordação eram os traços de personalidade implicados (e.g. “*distráida*”), uma outra em que as pistas de recordação eram associados semânticos (e.g. “*música*”) e ainda uma terceira condição em que não eram dadas quaisquer pistas. Os resultados demonstraram que os traços são pistas tão ou mais eficazes do que associados semânticos fortes. Adicionalmente, os participantes reportaram não ter consciência de ter feito inferências de traço durante a codificação. Winter e Uleman (1984) verificaram que estas inferências ocorrem de forma não intencional (com instruções de memória) e inconsciente (como se verificou através do que os participantes relataram). Partindo do mesmo princípio de codificação específica, foram testadas as IETs em três condições de automatismo: ausência de intenção, interferência de outra actividade e consciência (Winter, Uleman & Cunniff, 1985). As frases descritoras de comportamentos (e.g. “*Ela resolveu o mistério do livro ainda a meio da leitura*” – frase implicativa do traço “*inteligente*”) eram apresentadas aos sujeitos como distratores de uma tarefa (de dificuldade variável) de recordação de sequências de números. No final da experiência era pedido aos sujeitos que recordassem as frases nas seguintes condições: pistas correspondentes ao traço implicado na frase,

pistas de associados semânticos do actor, palavras que representavam o gist da frase ou sem pista. Mais uma vez, os traços foram melhores pistas do que os associados semânticos, e a recordação não foi afectada pela maior ou menor dificuldade da tarefa de recordação da lista de números. Além disso, foram encontrados valores muito baixos de correlação entre consciência da inferência na codificação e eficácia dos traços como pista. Estes resultados pareciam indicar que as inferências ocorrem na codificação, sem intenção, sem interferência de outras tarefas simultâneas e com pouca ou nenhuma consciência da sua ocorrência.

A utilização do paradigma de recordação com pistas no estudo das IETs foi criticada por vários autores, nomeadamente Wyer e Srull (1986) que consideravam que o fenómeno de IET se devia a uma estratégia de recuperação e se devia à capacidade de nomear comportamentos exemplificativos do traço utilizado como pista, correspondente à activação de objectivos de formação de impressões, apesar das instruções de memória. Assim, a descrição originalmente lida seria recuperada não devido à eficácia da pista (traço) mas devido à eficácia dos comportamentos típicos gerados pelos sujeitos no momento da recuperação (Wyer & Srull, 1989). Os resultados obtidos com o paradigma de recordação com pistas podem ser explicados mesmo que não ocorra inferência de traço durante a codificação: o processo pode ocorrer só na recordação e os traços inferidos nestas condições não são necessariamente sobre os actores mas podem ser meras descrições dos comportamentos (Uleman et al., 1996). Wyer e Srull (1986) encontraram diferenças significativas na magnitude do efeito de IET quando as instruções de formação de impressões são implícitas ou explícitas, demonstrando que na ausência de um objectivo específico, a mera percepção de comportamentos não elicita a sua codificação em termos de traços.

Os modelos atribucionais (e.g., Carlston & Skowronski, 1986; Gilbert, 1989; Trope & Liberman, 1993) assumem que as inferências são realizadas em duas etapas: primeiro, o comportamento observado é categorizado em termos de traços tendo por base o conhecimento geral (e.g., esquemas comportamentais, Bassili, 1989). Seguidamente, esta categorização comportamental serve como *input* ao processo inferencial, no qual o traço é atribuído à pessoa que realizou o comportamento. Alguns destes modelos também assumem que as inferências de traço só são feitas se houver motivação ou atenção suficientes (e.g., Gilbert, 1989) ou após um processo avaliativo deliberado (e.g., Carlston & Skowronski, 1986). Assim, de acordo com esta literatura,

apesar de as inferências de traço poderem ficar automaticamente associadas ao comportamento não ficavam inequivocamente ligadas ao actor.

Surgiram assim outros paradigmas para aprofundar o estudo das características do fenómeno de IET.

1.1.1.1. Paradigma de Reconhecimento do Alvo

Uleman e colaboradores (1996) estudaram as IETs com recurso ao paradigma de reconhecimento do alvo. Este paradigma foi desenvolvido com base nos trabalhos de McKoon e Ratcliff (1986) sobre a ocorrência de uma inferência de uma determinada palavra-alvo (relacionada com um evento altamente previsível) aquando da leitura de frases implicativas de eventos.

Adaptando estes pressupostos ao contexto da formação de impressões de personalidade, os autores apresentaram aos sujeitos dois tipos de frases: *Ela não emprestou o seu cobertor extra aos outros campistas*, uma frase implicativa de traço; *Ela não tinha um cobertor extra para emprestar aos outros campistas*, uma frase não implicativa de traço (ensaio controlo). Imediatamente após a apresentação de cada frase surgia a palavra-alvo que, no caso dos ensaios críticos, correspondia ao traço implicado na frase. Era pedido aos sujeitos que indicassem o mais rapidamente possível se a palavra-alvo estava presente na frase anterior. Caso o traço tivesse sido inferido a partir da descrição comportamental, este estaria acessível em memória, e assim seria mais difícil rejeitar a presença do mesmo na frase anteriormente apresentada. Os resultados demonstraram que é mais fácil rejeitar a palavra-alvo nos ensaios controlo, uma vez que se verificou um maior número de erros e um tempo de resposta mais longo para os ensaios correspondentes às frases implicativas de traço, ou seja, as IETs ocorrem apesar de serem prejudiciais para o bom desempenho na tarefa. Isto demonstra que as inferências espontâneas de traço correspondem a um processo não intencional, que ocorre durante a codificação do comportamento, contrariando assim as críticas apontadas ao paradigma de recordação com pistas acerca da possível ocorrência de inferências apenas na recuperação.

1.1.1.2.Paradigma da Reaprendizagem

O carácter espontâneo das IETs foi também explorado por Carlston e Skowronski (1994) que estudaram, com recurso ao paradigma da reaprendizagem, se as inferências de traço ocorriam a partir de informação comportamental e se estas ficavam associadas a um determinado actor, passando a ser vistas como um atributo deste.

Este paradigma tem por base o efeito clássico de reaprendizagem (Savings Effect – Ebbinghaus, 1885/1964). O efeito de savings corresponde a uma menor dificuldade (menos erros e menos tempo) para reaprender material que já foi aprendido anteriormente.

Carlston e Skowronski pediam aos sujeitos, numa primeira fase de exposição, para se familiarizarem com pares de fotografias (de um actor) e frases implicativas de traço (e.g. *A Maria não quis emprestar o cobertor que tinha a mais aos outros campistas*). De acordo com a condição, era pedido aos sujeitos que pensassem num traço de personalidade que descrevesse os actores (condição impressão específica), que formassem uma impressão de personalidade para cada pessoa descrita (condição impressão geral) ou que se familiarizassem com o material (condição familiarização). Seguidamente foram mostrados pares fotografia-traço, sendo que alguns destes pares eram pares de reaprendizagem (a fotografia anterior foi apresentada com o traço implicado na descrição comportamental correspondente) e outros eram pares controlo (novas fotografias e novos traços). Numa última fase de recordação, as fotografias da segunda fase foram apresentadas como pistas para a recordação dos traços com elas emparelhados. O efeito de aprendizagem seria medido através do maior número de traços recordados em pares alvo do que em pares controlo. Os resultados mostraram uma maior recordação de pares correspondentes às fotografias emparelhadas com traços que foram apresentados inicialmente (implicados nas descrições), ou seja, houve um efeito de aprendizagem entre a primeira e a segunda exposição, verificado nas três condições. Os sujeitos aprenderam, implicitamente, uma associação entre a fotografia apresentada (actor) e o traço implicado, sendo que no segundo momento apenas tiveram de reaprender o (mesmo) par fotografia – traço, tornando-se mais fácil (re)aprender estes pares do que os novos. Ocorreu a inferência do traço implicado na descrição comportamental e associação deste traço ao actor, atestando assim a ocorrência de IETs e da sua especificidade com o actor e não apenas com o comportamento.

1.1.1.3.Paradigma dos Falsos Reconhecimentos

Um outro paradigma utilizado nesta área de estudo, e que atesta a robustez do efeito de IET é o Paradigma dos Falsos Reconhecimentos (Todorov & Uleman, 2002). Este paradigma baseia-se no pressuposto em que as pessoas têm dificuldade em distinguir o que foi inferido daquilo que foi realmente apresentado, o que corresponde a um tipo de erro de monitorização da realidade: o erro de confusão da fonte. Perante a apresentação numa fase inicial da frase “Ganhou um torneio de xadrez com mais de 50 participantes” é difícil, numa segunda fase de teste, saber a fonte responsável pela familiaridade com a palavra *Inteligente*, não sabendo se estava de facto presente na frase ou foi inferida a partir da mesma. Normalmente os sujeitos respondem que a palavra estava presente, o que corresponde a falsos reconhecimentos – erro de confusão da fonte.

Todorov e Uleman (2002) no seu estudo apresentavam aos sujeitos, numa primeira fase de exposição, uma série de fotografias, cada uma emparelhada com uma frase implicativa de traço de personalidade. Em alguns dos ensaios, os traços estavam presentes na frase apresentada (*A sincera Joana disse à amiga que o vestido novo lhe ficava mal*), enquanto que noutros ensaios a frase é implicativa de traço (*O João devolveu o troco que lhe tinham dado a mais*), não estando o traço, no caso, *honesto*, presente. Numa segunda fase de reconhecimento eram apresentados pares fotografia-traço (alguns eram os traços implicados nas frases anteriores emparelhados com as fotografias correspondentes, outros eram os traços anteriormente apresentados emparelhados aleatoriamente com a face de uma outra foto que não a do actor) e era pedido aos sujeitos que indicassem se o traço havia sido anteriormente apresentado na frase que surgiu juntamente com a fotografia. Os resultados demonstraram que os participantes tendem a fazer falsos reconhecimentos (responder *sim* – o traço estava na frase na fase anterior- quando de facto não estava mas foi apenas inferido) dos traços implicados na presença das faces dos actores correspondentes, por oposição a fotografias (ainda que familiares) aleatoriamente emparelhadas com os traços (experiências 1, 2, 5 e 6). Comparando os pares fotografia-traço correspondentes (em que o traço era o implicado na descrição comportamental apresentada com a fotografia) e não correspondentes (em que o traço e a fotografia foram aleatoriamente emparelhados) verifica-se que as inferências de traço são específicas do actor. A

ligação entre o actor e o traço é não intencional, uma vez que surge em tarefas que não implicam uma intenção explícita de formar uma impressão.

Todorov e Uleman (2003) verificaram ainda que a ocorrência de IET é independente de recursos atencionais (condições com instruções de memória, carga cognitiva e instruções de processamento superficial), o que sugere que as inferências espontâneas de traço são largamente automáticas

Os resultados encontrados através do uso destes diferentes paradigmas favorecem a ocorrência de IET como um fenómeno robusto. Especificamente, no caso do paradigma dos falsos reconhecimentos (Todorov & Uleman, 2002), em que as exigências da tarefa e a IET parecem actuar em sentidos opostos uma vez que, durante a codificação, os participantes não sabem que o melhor desempenho na tarefa passa por recordar as palavras exactas que estão escritas na frase. O paradigma de falsos reconhecimentos prova a existência de uma ligação associativa entre o traço e o actor, que já tinha ocorrido no paradigma de reaprendizagem (Carlston & Skowronski, 1994)

1.2. Transferências Espontâneas de Traço

A investigação das IETs levou à descoberta de um outro efeito, que foi denominado transferência espontânea de traço (Skowronski et al., 1998), descoberta que mais tarde levaria à questão da natureza que está na base de ambos os efeitos.

As transferências espontâneas de traço (TET) ocorrem quando se atribui, erradamente, ao comunicador, o traço que é inferido a partir da descrição que este faz acerca do comportamento de um outro alvo (Carlston, et al., 1995; experiência 4). Mais concretamente, em contexto experimental verificou-se que na ausência de uma cara a quem atribuir a autoria do comportamento, o traço inferido é transferido para o comunicador (cara que está presente) desse mesmo comportamento (Goren & Todorov, 2009), ou para qualquer outro elemento presente no contexto de codificação (e.g. Brown & Bassili, 2002).

Este efeito foi inicialmente verificado por Carlston e colaboradores (1995, experiência 4), com recurso ao paradigma da reaprendizagem, tendo o seu estudo sido aprofundado por Skowronski e colaboradores (1998), que procuraram esclarecer as circunstâncias em que ocorre e os processos que lhe estão subjacentes.

Como já foi visto, Carlston e colaboradores (1994) serviram-se do paradigma da reaprendizagem para estudar o fenómeno das IET. Este paradigma consistia em

apresentar aos sujeitos pares de fotografias-frases que eram mais tarde reaprendidas. No estudo 4 (Carlston, et al., 1995) os autores informaram os sujeitos que as frases apresentadas emparelhadas com as fotografias não correspondiam a comportamentos realizados pelos indivíduos nas imagens mas sim realizados por outras pessoas, sendo os comportamentos e as fotografias referentes a indivíduos de sexos opostos para minimizar possíveis confusões acerca da autoria dos comportamentos. Os sujeitos, tal como nos estudos anteriores, familiarizavam-se com os pares fotografia-frase descritiva de um comportamento, sendo a alguns deles pedido que formassem uma impressão acerca da pessoa da fotografia ou acerca do actor do comportamento descrito na frase. Os resultados demonstraram que, em condições de familiarização, houve aprendizagem da ligação entre o traço e a fotografia apresentada, revelando uma associação implícita entre o traço implicado no comportamento e o comunicador do mesmo (em vez da esperada associação do traço ao actor).

Skowronski e colaboradores (Skowronski, et al., 1998) propõem um modelo para explicar o fenómeno da TET – a descrição de comportamentos de um determinado actor, feita por um comunicador, leva à activação de um traço durante a codificação ou interpretação do comportamento, esse traço é associado com o actor (estas associações ocorrem aleatoriamente) e há influência do traço sobre as impressões (acerca do actor e) acerca do comunicador. Estes autores, com recurso ao paradigma da reaprendizagem e tarefa de avaliação de traço explícita, demonstraram que os comunicadores ficam associados aos traços que descrevem sobre outros, replicando os achados anteriores quanto à evidência do efeito de TET (Carlston et al., 1995). Estas associações são persistentes no tempo, na condição de familiarização, em que o objectivo era evitar a formação de impressões (experiência 1). O facto de o efeito de TET ocorrer independentemente das instruções de processamento sugeria que este seria automático. A TET persiste quando é dito aos sujeitos que as fotos são emparelhadas aleatoriamente com as descrições (experiência 3), manipulação utilizada para evitar que os sujeitos assumissem que o comunicador aprovava os comportamentos descritos ou que partilhava com o actor a característica de personalidade implicada e quando são utilizados estímulos mais naturalistas (no caso, vídeo, estudo 4). Este estudo demonstrou ainda que o efeito de TET é inferior ao efeito de IET.

Mae e colaboradores (1999) verificaram que as TETs ocorrem independentemente do conhecimento anterior acerca do comunicador do comportamento, o que também reforçava a hipótese de que o efeito se baseia em

associações simples. Carlston, & Skowronski (2005) também encontraram evidências para o carácter meramente associativo da TET, tendo verificado que este efeito ocorre mesmo quando os sujeitos são alertados para a ocorrência do fenómeno (experiência 3).

1.3. Processos subjacentes aos efeitos IET e TET

Após a descoberta do efeito de TET, um aparente erro inferencial relacionado com o sujeito a quem é atribuído o traço (Carlston & Skowronski, 2005), surgiram duas posições diferentes quanto aos processos que estariam na base dos efeitos de IET e TET. Para além das diferenças na magnitude dos efeitos, sendo que o efeito de IET é maior do que o de TET (e.g. Skowronski et al., 1998), há também algumas variáveis que afectam as IETs e não as TETs, como é o caso da instrução de detectar se a pessoa apresentada estará a mentir (Crawford et al., 2007^a).

Alguns autores defendem a existência de dois mecanismos cognitivos distintos (e.g. Crawford et al. 2007), sendo a TET um processo meramente associativo e a IET um processo inferencial que pressupõe a existência de um mecanismo atribucional, que envolve um processamento mais profundo. Por outro lado, há autores (e.g. Brown & Bassili, 2002) que consideram que ambos os efeitos podem ser explicados por um mesmo processo associativo simples, insensível à relevância dos componentes associados

Ambas as perspectivas consideram que a TET tem por base mecanismos associativos simples, ou seja, a transferência do traço para o comunicador deve-se ao estabelecimento de uma ligação associativa entre o traço e o indivíduo devido à sua activação simultânea. Não só esta transferência ocorre para um comunicador mas para qualquer outro elemento que esteja presente no contexto (Brown & Bassili, 2002). Brown e Bassili (2002) aplicaram o paradigma da reaprendizagem (Carlston & Skowronski, 1994), utilizando fotografias de pessoas (actores dos comportamentos) e também fotografias de objectos inanimados. A introdução destas fotografias de objectos inanimados deveu-se ao facto de ser ilógico atribuir traços de personalidade a este tipo de objectos, tentando assim descartar a hipótese de ocorrer a transferência de traço, devido ao facto de o comunicador descrever alguém com quem partilha características ou que descrever comportamentos associados a traços particularmente importantes para si próprio. Assim, na primeira fase da experiência, Brown e Bassili (2002) apresentaram aos sujeitos imagens de um actor, fazendo uma auto-descrição e acompanhado ou de

uma imagem de um indivíduo (espectador) ou de uma imagem de um objecto inanimado (e.g. uma banana). Esta apresentação possibilitaria a ocorrência de IETs (associadas ao actor) e de TETs (associadas ao espectador ou ao objecto). Na segunda fase, os sujeitos aprenderam pares pessoa-traço ou objecto-traço, sendo alguns destes pares os mesmos da primeira fase da experiência (pares de reaprendizagem). A terceira fase da experiência consistiu numa tarefa de recordação com pistas, em que mediante a apresentação de uma imagem os sujeitos tinham de recuperar o traço correspondente. Os resultados demonstraram que o efeito de IET é superior ao efeito de TET, tal como tinha sido verificado anteriormente (Skowronski et al., 1998) mas, contrariamente ao esperado, ocorreu transferência de traço não só para o espectador mas também para o objecto inanimado. Assim verificou-se que a associação ocorre sem qualquer processamento inferencial acerca do estímulo, sendo esta conclusão, segundo estes autores, válida para as TETs mas também para as IETs, sendo que estas segundas seriam igualmente resultado de associações automáticas, formadas na memória de trabalho, entre o traço activado durante a leitura de descrições comportamentais e qualquer dos elementos presente no contexto (actor, espectador ou objecto inanimado).

Para tentar esclarecer a natureza da IET e TET, Todorov e Uleman (2004) propuseram uma versão modificada do paradigma de falsos reconhecimentos, em que eram apresentados aos sujeitos ou pares de fotografias com uma frase descritiva de um comportamento (experiências 1-3) ou dois pares fotografia-comportamento em simultâneo (experiências 4-5). De acordo com o paradigma de falsos reconhecimentos, algumas das frases descritivas de comportamento continham o traço implicado, outras não. Na fase de teste, o traço anteriormente implicado ou presente na frase era emparelhado com uma fotografia do actor correspondente (ensaio crítico, a que corresponderiam falsos reconhecimentos) ou com a fotografia anteriormente presente mas não correspondente à frase. Se a IET for específica do actor e não de qualquer elemento presente no contexto deveria haver mais falsos reconhecimentos dos traços emparelhados com as caras dos actores do que com as caras “controlo” que foram apresentadas simultaneamente. De facto, o número de falsos reconhecimentos foi maior para os pares traço-actor do que para os pares traço-controlo, mesmo após uma semana (experiência 3), mostrando assim que as IET são específicas do actor e parecem ser mais do que simples associações a qualquer elemento presente no contexto, o que contraria a hipótese de Bassili e Brown (2002). Os resultados permitiram também concluir que o efeito de TET é menos forte do que o de IET. Os autores consideram

estes resultados como uma evidência de que há dois tipos de processos distintos envolvidos nas IETs e TETs porque, caso se tratassem de um mesmo processo, deveriam ter sido afectados de igual forma, o que não aconteceu neste caso. No entanto, estes resultados podem ser explicados pelo *overshadowing effect* (Rescorla & Wagner, 1972), tendo resultado de um fenómeno associativo em que a resposta a um estímulo desce na presença de outro mais saliente (no caso, a fotografia do actor).

Crawford, Skowronski e Stiff (2007□) concluíram que a presença da cara do actor de um comportamento, para além da do comunicador, no paradigma da reaprendizagem, diminui as associações entre traço e comunicador, parecendo assim que as TETs ocorrem quando está ausente o sujeito a quem realmente é atribuído o comportamento. Estes resultados também podem ter uma explicação atencional devida ao *overshadowing effect* (Rescorla & Wagner, 1972).

Carlston e Skowronski (2005), novamente com recurso ao paradigma da reaprendizagem, encontraram também evidências que sugerem que IET e TET são processos diferentes. Nas experiências realizadas, verificaram que aumentar o tempo de exposição ao material não afectava a TET (não diminuía, o que deveria acontecer caso fosse um erro de codificação; nem aumentava como se esperava caso fosse resultado de um processamento atribucional – experiência 1) e que o efeito ocorreu mesmo quando era pedido aos sujeitos que o evitassem (experiência 3). Ao longo das três experiências realizadas ficou ainda demonstrado que, ao contrário das IETs, as TETs não se devem a uma tendência geral para conceber uma opinião positiva ou negativa daqueles que comunicam impressões positivas ou negativas de outros (investigações anteriores (Rozin & Royzman, 2001) demonstravam que os comportamentos negativos, por representarem acções menos comuns e normativas, logo, mais diagnósticas, tenderiam a favorecer um processamento atribucional mais profundo). Estes resultados reforçam a ideia que está subjacente às TETs uma natureza associativa, enquanto que as IETs parecem ter uma natureza atribucional, evidenciada pelas diferenças encontradas nos casos de auto-descrições e descrições comportamentais realizadas por outros. Crawford, Skowronski, Stiff & Scherer (2007a) encontraram resultados semelhantes com recurso ao mesmo paradigma. Estes autores manipularam os objectivos de processamento dos sujeitos, pedindo que estes detectassem se a pessoa estaria a mentir. Esta manipulação que teve efeitos apenas nas IETs, o que foi interpretado como uma evidência de dois processos distintos. Contudo estes resultados reflectem uma dissociação simples, o que

por si só não comprova a existência de dois processos distintos, o que aconteceria de forma completa e precisa caso se tratasse de uma dissociação dupla.

Como se verifica, a dúvida acerca da natureza de IET e TET mantém-se. Goren & Todorov (2009) procuraram aprofundar as conclusões de Crawford e colaboradores (2007) de que só ocorreria TET na ausência do sujeito relevante, com recurso ao paradigma dos falsos reconhecimentos (Todorov & Uleman, 2002). Os autores propõem que os traços podem ficar associados com qualquer objecto, se algum estiver presente, quando o alvo principal correspondente está ausente (o que está de acordo com uma associação simples). O mecanismo envolvido pode ser então um tipo de selecção espontânea que, dependendo da situação, é activado de uma maneira exclusiva (actor certo) ou indiscriminada (associação errada). Nesta investigação conduziram seis experiências, e tal como em estudos anteriores, eram apresentadas aos participantes descrições comportamentais implicativas de traço emparelhadas com fotos. Seguidamente eram apresentados pares fotografia-traço implicado, sendo a tarefa a de indicar se o traço apareceu anteriormente na descrição comportamental lida e que surgiu emparelhada com a fotografia. Goren e Todorov (2009) informaram os participantes que algumas nalguns dos casos as frases descreviam a pessoa da fotografia, noutros casos as fotografias e comportamentos estavam aleatoriamente emparelhados (experiências 1, 2, 3, 4 e 6); em três das experiências (4, 5 e 6) os pares de caras e comportamentos foram apresentados simultaneamente, sendo claro que o comportamento era relevante para uma das caras e irrelevante para outra. Os resultados encontrados mostraram que, tal como já havia sido verificado anteriormente (e.g. Skowronski et al., 1998), ocorrem tanto IET como TET, sendo a magnitude das IET superior (experiências 1 e 2). Os autores interpretaram este resultado como uma evidência de que às IET estariam subjacentes processos atribucionais e as TETs processos associativos. Na experiência 3 primeiro foi apresentada a cara, durante 3 segundos, e imediatamente a seguir foi apresentado o comportamento durante outros 3 segundos, criando uma separação perceptiva entre cara e comportamento. Os resultados sugeriram que as TETs podem ser eliminadas quando se interrompem as bases para o estabelecimento de associações espontâneas com um alvo irrelevante, ao contrário das IETs, que continuam a ocorrer, o que sustenta a hipótese dualista. As experiências 4, 5 e 6 mostraram também que as TETs são eliminadas na presença da cara do actor em simultâneo com uma cara irrelevante. Neste estudo, tal como anteriormente (e.g. Carlston & Skowronski, 1994) verificou-se que a ligação de traços a outros alvos que não os actores parece ocorrer

apenas na ausência do estímulo relevante (cara do actor). Goren e Todorov (2009) referem que os seus resultados são concordantes com a existência de dois processos distintos, mas não implicam necessariamente a sua existência, uma vez que há explicações alternativas para os resultados encontrados, nomeadamente no que se refere à manipulação de relevância das caras apresentadas (e.g. Van Overwalle & Labiouse, 2004), uma vez que há modelos que assumem competição entre diferentes inputs e nodos internos predizem que as associações mais fortes que se criam entre determinados estímulos (e.g. cara relevante-traço) podem bloquear a formação de ligações entre outros estímulos (cara irrelevante).

Mantém-se assim em aberto a discussão, tendo sido a presente investigação realizada numa tentativa de esclarecer definitivamente a natureza das inferências e transferências espontâneas de traço.

2. O presente estudo

A investigação realizada teve por base o estudo de Goren e Todorov (2009). Foi utilizado o paradigma dos falsos reconhecimentos (Todorov & Uleman, 2002), mas ao contrário de Goren e Todorov (2009) que, em algumas das experiências, apresentavam uma cara relevante e uma irrelevante com uma descrição de um comportamento, apenas foram apresentados aos participantes pares cara-comportamento, sendo indicado que nalguns dos casos a cara apresentada era relevante para o comportamento, enquanto que noutros casos a cara encontrava-se aleatoriamente emparelhada com este. Para conseguir distinguir entre processos automáticos e controlados nos efeitos de IET e TET foi utilizado o procedimento de dissociação de processos (e.g. Jacoby, et al., 1993).

O procedimento de dissociação de processos (PDP) tem sido aplicado em diversas tarefas em Cognição Social como ferramenta para distinguir as contribuições automáticas e controladas dos processos aquando da realização das tarefas (Ferreira, Garcia-Marques, Sherman & Sherman, 2006; Jacoby, Kelley, Brown, & Jasechko, 1989; Jennings & Jacoby, 1993; Lambert et al., 2003; Payne, 2001, 2005; Payne, Jacoby & Lambert, 2005).

Este procedimento faz uso de um teste de memória de inclusão no qual os processos automáticos e controlados actuam no mesmo sentido e um teste de memória de exclusão em que ambos os processos actuam em oposição (Jacoby, 1991; Jacoby, Toth & Yonelinas, 1993). Assumindo que ambos os processos contribuem para o

desempenho no teste e operam independentemente, ao comparar os resultados nas duas condições, pode obter-se o contributo de cada componente. O PDP assume que o desempenho na tarefa de inclusão pode dever-se a processos controlados ou quando estes falham a processos automáticos, o que pode ser traduzido na seguinte equação $[C+A(1-C)]$. Na tarefa de exclusão o desempenho deve-se à acção de processos automáticos e à falha de processos controlados, o que pode ser traduzido através da equação $[A(1-C)]$. Assim é possível determinar os contributos das componentes controlada ($C = \text{Tarefa de Inclusão} - \text{Tarefa de Exclusão}$) e automática ($A = \text{Tarefa de Exclusão} / (1-C)$). Devido a estas características, o PDP já foi anteriormente aplicado ao estudo das IET (Uleman & Blader, 2001, cit. por Uleman, Blader e Todorov, 2005; McCarthy & Skowronski, 2011), mas não das TETs.

No presente estudo, na primeira fase de exposição (apresentada como uma tarefa de memória) os sujeitos viam pares de fotografias de caras-descrições comportamentais em várias condições. Por um lado, a cara ou era indicada como sendo relevante para o comportamento, ou aleatoriamente emparelhada com este e as descrições comportamentais eram implicativas de traço (e.g. *O Miguel conta histórias que fazem toda a gente rir imenso*) ou continham especificamente o traço (e.g. *O divertido Miguel conta histórias que fazem toda a gente rir imenso*). Na fase de reconhecimento eram apresentados pares fotografia-traço, pedindo-se aos sujeitos que indicassem se o traço estava presente na frase que tinha sido apresentada com aquela fotografia. A manipulação entre presença de traço/traço implicado permite a aplicação do PDP, na medida em que as respostas correctas nos ensaios em que o traço está presente corresponderão à tarefa de inclusão. Neste caso, tanto uma resposta baseada em processos controlados como em processos inferenciais automáticos, levará a que o participante indique que o traço estava presente. Uma resposta errada, num ensaio em que o traço está implícito na frase (mas não presente) corresponderá à tarefa de exclusão. Neste caso, processos controlados levariam a uma resposta correcta e processos inferenciais automáticos conduziriam à resposta errada. Através destas equações é possível estimar o contributo do processamento automático e controlado na ocorrência de IETs e TETs.

McCarthy e Skowronski (2011) numa investigação muito recente do efeito de IET utilizando o PDP e o paradigma de falsos reconhecimentos incluíram uma manipulação inter-sujeitos com 3 objectivos de processamento distintos – leitura de comportamentos (condição IET), formação de uma impressão ou procura de um

grafema (condição grafema), com o objectivo de verificar se a inibição de formação de IETs, já anteriormente verificada em condições grafema (Uleman & Moskowitz, 1994) corresponderia a uma diminuição de influência de processos automáticos, não esperando encontrar diferenças ao nível dos processos controlados. Os resultados demonstraram que houve influência significativa dos objectivos de processamento.

Os níveis de falsos reconhecimentos foram semelhantes nas condições IET e formação de impressões, tendo diminuído na condição grafema (experiência 1). A tarefa de procura de um grafema interferiu com a inferência, através da minimização da contribuição da componente automática (não alterando a recordação consciente e controlada). Estes resultados podem ser explicados com base em diferentes níveis de processamento (Craik & Lockhart, 1972). A memória está ligada aos níveis de processamento perceptivo, e pode ser compreendida de acordo com o nível de profundidade com que os estímulos são processados no sistema cognitivo. Assim, é possível fazer a distinção entre dois tipos de processamento, um superficial, que é referente a análises sensoriais, com fraca resistência a desvios atencionais e que prolonga a acessibilidade de um item sem levar à formação de um traço mnésico mais resistente, e um processamento profundo, caracterizado por traços mais fortes, elaborados e duradouros, que serão melhor recordados, e que permite um maior nível de análise semântica ou cognitiva. A condição grafema de McCarthy e Skowronski (2011) promove uma análise mais sensorial (não semântica) e pode ser considerada como processamento mais superficial, correspondendo a condição de formação de impressões a um processamento mais profundo. Esta premissa foi então transportada para o presente estudo, em que existem dois tipos de ensaios diferentes – os de um processamento mais profundo a que correspondem as IETs e os de um processamento mais superficial, a que correspondem as TETs. Considerando os resultados de McCarthy e Skowronski (2011), formularam-se as hipóteses de que nos ensaios de processamento superficial (TET) a componente automática diminuirá em comparação com os ensaios de processamento mais profundo, em que a componente automática será superior, esperando-se maior contributo automático nas IETs. De acordo com o paradigma dos falsos reconhecimentos, processamento mais profundo significa mais falsos reconhecimentos.

2.1.Método

Participantes

62 estudantes do 1º ano da Licenciatura em Ciências Psicológicas da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, que obtiveram bonificação numa unidade curricular.

Material

Foram utilizadas 60 fotografias a cores, 30 correspondentes a caras de pessoas do sexo masculino, 30 correspondentes a caras de pessoas do sexo feminino e 60 frases descritivas de comportamentos foram traduzidas e adaptadas de Uleman, Hon, Ron & Moskowitz (1996), sendo que algumas eram implicativas de traço (e.g. *O Vítor está sempre a organizar festas e convívios*) outras continham o traço (e.g. *A generosa Raquel faz todos os meses uma doação para uma instituição humanitária*).

2.2.Procedimento

A experiência compunha-se de 2 fases distintas, uma fase de exposição e uma fase de reconhecimento. O *software* utilizado no decorrer da experiência foi a versão 1.0 do E-prime (Schneider, Eschman & Zuccolotto, 2002).

Foi dito aos participantes que este se tratava de um estudo de memória. Cada participante lia as instruções num ecrã de computador, individualmente. Numa primeira fase de exposição surgiam pares de fotos e frases, que deveriam ser memorizadas uma vez que seriam objecto de teste de memória numa fase seguinte. As fotografias surgiam com molduras de duas cores diferentes – uma moldura azul caso a pessoa representada fosse o actor daquele comportamento, ou uma moldura vermelha caso a fotografia e a frase tivessem sido aleatoriamente emparelhadas. Foram realizados dois ensaios de prática no início do estudo (um ensaio “relevante”, de moldura azul e um “irrelevante” de moldura vermelha).

Fase de Exposição

Foram apresentados 60 ensaios, 30 dos quais com moldura azul, 30 com moldura vermelha. Dentro de cada um destes 30 (azuis ou vermelhos), 10 correspondiam a fotografias emparelhadas com frases que continham o traço, 20

correspondiam a fotografias emparelhadas com frases implicativas de traço (correspondentes aos ensaios que poderiam originar ocorrência de IET ou TET). Cada ensaio foi apresentado durante 6 segundos com uma pausa de 1,5 segundos entre ensaios. Tanto nas fotografias como nas frases foi controlado o sexo do indivíduo (15 fotografias do sexo feminino, 15 do masculino; nos ensaios irrelevantes o sexo da fotografia era em alguns casos, diferente do da frase) e nas frases foi ainda controlada a valência do traço (metade dos traços positivos (e.g. simpática), outra metade negativos (e.g. fútil). Nalguns ensaios irrelevantes (moldura vermelha), para reforçar a ideia de que as fotografias e comportamentos tinham sido aleatoriamente emparelhados, o sexo do indivíduo da foto era diferente do do autor da frase.

Fase de Reconhecimento

Nesta fase eram mostrados pares compostos pelas fotografias apresentadas anteriormente emparelhadas com traços. Os sujeitos tinham de responder Sim ou Não (carregando nas teclas correspondentes no teclado) conforme tivessem visto o traço na frase que havia sido anteriormente emparelhada com a fotografia. Os sujeitos eram encorajados a dar a resposta o mais rapidamente possível, tendo sido realizados 2 ensaios de prática. A fase de reconhecimento foi constituída por 60 ensaios críticos, sendo que as fotografias eram as mesmas apresentadas na fase de exposição, embora agora surgissem sem moldura. Em 20 dos ensaios a palavra-teste (o traço) estava presente nas frases, nos restantes os traços não tinham estado anteriormente contidos nas frases (que eram apenas implicativas de traço). Estes ensaios correspondem a 20 ensaios de IET (no caso das fotografias com moldura azul na fase de exposição) e 20 ensaios de TET (fotografias anteriormente com moldura vermelha).

Os ensaios de emparelhamento *Correspondente* são os ensaios em que a fotografia surge emparelhada com o mesmo traço que, na fase de exposição surge implicado ou presente na frase, e os de emparelhamento *Não Correspondente* são ensaios em que fotografia é aleatoriamente emparelhada com um traço diferente da fase de exposição; os ensaios *Relevante* são ensaios de moldura vermelha – comportamento é do actor – e os ensaios *Irrelevante* são os de moldura azul – comportamento e fotografia são aleatoriamente emparelhados).

O *design* utilizado foi 2 (tipos de foto moldura azul ou vermelha) x 2 (tipos de frase com ou sem traço). Metade dos 20 ensaios eram *correspondentes* (match) e outra

metade *não correspondentes* (mismatch). Esta comparação permite verificar a ocorrência dos efeitos de IET e TET.

2.3.Resultados

Paradigma dos falsos reconhecimentos

A análise de resultados foi feita com recurso a uma ANOVA de medidas repetidas 2 (tipo de emparelhamento: *Correspondente* vs *Não Correspondente*) x 2 (tipo de ensaio: *Relevante* vs *Irrelevante*) revelou uma interacção significativa entre o tipo de ensaio e o tipo de emparelhamento ($t=1.741$, $p<.43$). O número de falsos reconhecimentos foi superior nos emparelhamentos *Correspondente*, $F(1,61) = 82.39$, $p<.001$, comparativamente aos *Não Correspondentes*. Não se verificaram diferenças significativas entre as 4 versões do material ou para qualquer das variáveis controladas (sexo e valência dos traços).

Analisando por tipo de ensaios, verificou-se que no caso dos ensaios *relevantes*, os falsos reconhecimentos foram superiores quando o traço surgia emparelhado com a fotografia do actor (emparelhamento *correspondente* $M = .55$, $SD = .02$) comparativamente ao emparelhamento *não correspondente* ($M=.41$, $SD=.02$), prova de que ocorreu o efeito de IET ($t(IET) = 7.81$, $p<.001$).

Quanto aos ensaios *irrelevantes*, também neste caso, o número de falsos reconhecimentos foi superior no emparelhamento *correspondente* ($M = .33$, $SD = .02$) ao emparelhamento *não correspondente* ($M = .27$, $SD = .02$), prova de que ocorreu o efeito de TET ($t(TET) = 4.55$, $p<.001$). Também neste estudo o efeito de IET encontrado foi superior ao de TET, tal como havia sido verificado anteriormente (Todorov & Uleman, 2004).

Procedimento de dissociação de processos

As estimativas de processo controlado e automático foram analisadas separadamente, com recurso a ANOVAs, tendo se verificado uma interacção significativa entre tipo de componente e tipo de ensaio ($F(1,61) = 15.542$, $p<.001$). As estimativas de processamento automático foram superiores para o efeito de IET ($M = .64$, $SD = .02$) em comparação com o efeito de TET ($M = .51$, $p<.001$) e essa diferença é significativa ($t = 4.5$, $p<.001$). Não se encontraram diferenças significativas ao nível do componente controlado ($t = -1.13$, $p<.05$) (ver Tabela 1).

Tabela 1.*Aplicação do PDP*

Processo	Tipo de Ensaio	M	SD
C*	<i>Relevante</i> (IET)	.15	.03
	<i>Irrelevante</i> (TET)	.19	.03
A**	<i>Relevante</i> (IET)	.64	.02
	<i>Irrelevante</i> (TET)	.51	.02

*. $p > .05$, diferença não significativa**. $p < .001$, diferença significativa**2.4. Discussão**

Analizando os resultados obtidos com a aplicação do paradigma dos falsos reconhecimentos verifica-se que foram replicados os resultados de Goren e Todorov (2009). Especificamente, verificou-se a ocorrência do efeito de IET, através das respostas SIM (incorrectas, correspondentes a falsos reconhecimentos) dadas nos ensaios da fase de teste que consistiam na presença do traço emparelhado com a fotografia do actor do comportamento implicativo de traço apresentado na fase de exposição (ensaio correspondente). O número de falsos reconhecimentos foi superior para os ensaios correspondentes do que para não correspondentes (traço e fotografia emparelhados eram diferentes da fase de exposição), o que constitui uma evidência do efeito de IET, ou seja, os participantes, durante a fase de exposição, ao lerem a frase descritiva de um comportamento fizeram a inferência de traço correspondente a esse comportamento, e associaram esse traço ao actor.

Verifica-se ainda que para além do efeito de IET ocorreu também efeito de TET, através da ocorrência de respostas SIM (incorrectas, falsos reconhecimentos) nos ensaios da fase de teste que consistiam na presença do traço emparelhado com uma fotografia que foi apresentada na fase de teste como irrelevante para o comportamento. Também neste caso o número de falsos reconhecimentos foi superior para os ensaios correspondentes, quando comparado com os ensaios de teste não correspondentes. Os participantes inferiram um traço a partir da leitura do comportamento e associaram o traço à fotografia emparelhada na fase de exposição, apesar de esta ter sido apresentada como irrelevante para o comportamento.

Tal como em estudos anteriores (e.g. Todorov & Uleman, 2004; Goren & Todorov, 2009), a magnitude do efeito de IET foi superior à de TET e a diferença entre ensaios correspondentes e não correspondentes é maior no caso das IETs do que no caso das TETs, ou seja, houve mais falsos reconhecimentos para os ensaios relevantes correspondentes do que para os ensaios irrelevantes correspondentes. Esta diferença na magnitude dos efeitos pode dever-se simplesmente às características da experiência convidarem a uma maior atenção dos sujeitos nos ensaios relevantes – quando na fase de exposição surgia a fotografia com a moldura vermelha, irrelevante para o comportamento apresentado simultaneamente, é possível que os sujeitos tenham prestado menos atenção aos estímulos comparativamente aos ensaios em que era dito que o comportamento era específico daquele actor. Análises complementares revelaram que nos ensaios que na fase de exposição continham o traço também se verificou um melhor desempenho (maior número de respostas SIM, que neste caso são respostas correctas) para os pares fotografia-traço relevantes, o que evidencia uma maior atenção dos participantes no decorrer da experiência a este tipo de ensaios.

Aplicação do PDP

Como já foi referido, um dos objectivos deste estudo consistiu em tentar determinar que processos estão subjacentes às IETs e TETs. Após ter sido verificada a ocorrência de ambos os efeitos, procedeu-se à aplicação do procedimento de dissociação de processos (PDP) para estimar as componentes controlada e automática responsáveis por cada um. Os resultados encontrados são concordantes com as hipóteses formuladas (maior componente automática para IET do que para TET, não se verificando diferenças significativas na componente controlada), hipóteses que, por sua vez, têm por base os resultados de McCarthy e Skowronski (2011).

McCarthy e Skowronski (2011) verificaram, mediante a aplicação do paradigma dos falsos reconhecimentos e do PDP, que diferentes objectivos de processamento (formação de impressões, leitura de comportamentos ou procura de um grafema) levavam a diferentes resultados encontrados ao nível da componente automática, não havendo diferenças na componente controlada. Especificamente, a condição procura de um grafema levava a uma diminuição do efeito de IET unicamente por via da diminuição da influência componente automática. Os autores consideram que a procura de grafemas enfraquece as IETs efectuadas a partir da leitura de comportamentos,

diminuindo assim as IETs. Já as condições leitura de frases descritivas de comportamentos e formação de impressões obtiveram resultados semelhantes de IET (mais elevados). Uma possível explicação para estes resultados está relacionada com os postulados de Craik & Lockhart (1972) sobre os níveis de processamento de informação em memória. A condição procura de grafema corresponde a um processamento mais superficial, e a condição leitura de comportamentos corresponde a um processamento mais profundo. De forma análoga, no presente estudo, os ensaios de processamento mais superficial serão os ensaios irrelevantes (emparelhamento aleatório) e correspondem às TETs e os ensaios de processamento mais profundo serão os ensaios relevantes (em que a fotografia corresponde ao actor do comportamento) e correspondem às IETs. Assim, os resultados vão de encontro aos resultados reportados por McCarthy e Skowronski (2011): os ensaios de processamento mais profundo (IET) levam a maior influência da componente automática do que os ensaios de processamento superficial (TET), uma vez que estes últimos interferem com a componente automática no sentido de a diminuir.

Importa referir que os resultados encontrados e os resultados de McCarthy e Skowronski (2011) não estão de acordo com a literatura do PDP. Toth, Reingold e Jacoby (1994) aplicaram o PDP para analisar o processamento dos sujeitos em tarefas de completamento de palavras antecedidas por tarefas de estudo "semântico" ou "não semântico". Os autores verificaram que houve maior influência do processamento semântico sobre a tarefa principal, resultados concordantes com os que já Challis e Broadbeck (1992) tinham encontrado. Na estimativa do processamento automático não foram encontradas diferenças significativas entre as duas tarefas de estudo.

Os resultados desta investigação podem dever-se a uma explicação atencional, que está relacionada com os diferentes níveis de saliência dos estímulos apresentados. O facto de os participantes serem informados de que determinada cara pertence ao actor do comportamento faz com que esta tenha maior relevância em termos atencionais, comparativamente com uma fotografia que se diz que é aleatoriamente emparelhada com a descrição comportamental. Isto pode levar a um processamento mais profundo, o que justificaria o maior número de ligações entre os conceitos em causa (pessoas, traço e comportamento) e, conseqüentemente, um maior nível de inferências. No caso da apresentação da pessoa não relevante para o comportamento em causa, a saliência introduzida pela própria instrução da tarefa seria bem menor, o que originaria uma ligação fotografia-traço mais fraca. Se de facto os participantes não prestaram tanta

atenção aos ensaios irrelevantes, a TET diminui e consequentemente diminui o valor da componente automática. Da mesma forma, a ligação entre traço e actor correspondente é mais forte (o que corresponde a mais IETs), então há maior contributo da componente automática nas IETs.

Tanto os resultados deste estudo como os de McCarthy e Skowronski (2011) parecem contrariar a ideia de que eventuais diferenças na componente automática, caso se encontrasse, ocorreriam no sentido oposto (maior contributo automático para as TETs do que IETs). Tendo em conta que os estudos anteriores exploraram os efeitos de IET e TET em outros paradigmas, diferentes do de falsos reconhecimentos (comum a este estudo e McCarthy e Skowronski (2011)), poderá ser interessante tentar aplicar o PDP em experiências que possibilitem, em diferentes condições, a ocorrência de IET e TET, com recurso a diferentes paradigmas. Poderá ser também interessante a replicação de estudos em que foi eliminada a ocorrência de TETs (e.g. Crawford et al., 2008, com recurso a um paradigma de duas caras), mediante a aplicação do PDP, de forma a alcançar melhor compreensão sobre os processos responsáveis pela eliminação do efeito, ou aplicar o PDP a experiências como a de Brown e Bassili (2002) que sugere que tanto a IET como a TET são processos associativos simples.

Ferreira e colaboradores (2011) aplicaram o paradigma de recordação com pistas (Winter & Uleman, 1984) ao estudo das IETs, em condições de carga cognitiva (experiência 3). Após a aplicação do PDP, os autores verificaram que a carga cognitiva (que impede um processamento mais profundo) diminuía os contributos da componente controlada, não tendo encontrado diferenças ao nível da componente automática entre condições, o que leva a pensar que diferentes formas de teste podem levar a diferentes resultados ao nível do PDP.

Com a realização deste estudo, conclui-se que a questão sobre a natureza de IET e TET mantém-se ainda por resolver, sendo na secção seguinte apresentada uma proposta de investigação para tentar obter conclusões acerca dos processos subjacentes a cada um destes efeitos.

3. Proposta de investigação

3.1. Introdução

As inferências espontâneas de traço (IETs) ocorrem quando a partir de comportamentos implicativos de traço se inferem traços de personalidade, que são específicos de um actor. Este efeito foi inicialmente verificado por Winter e Uleman (1984). As IETs ocorrem na ausência de intenção ou de consciência, no momento da codificação (Uleman et al., 1996), e são específicas do actor do comportamento (e.g., Todorov & Uleman, 2002). Estas evidências têm surgido, de forma consistente, em estudos que recorrem a diferentes paradigmas, como o paradigma da reaprendizagem (Carlston & Skowronski, 1994) paradigma do reconhecimento do alvo (Uleman et al., 1996), e paradigma dos falsos reconhecimentos (Todorov & Uleman, 2002).

Um outro efeito atraiu a atenção dos investigadores da área das inferências de personalidade, encontrado pela primeira vez no âmbito do estudo das IETs, que é designado por Transferência Espontânea de Traço (TET; Carlston et al., 1995). Este efeito ocorre quando os traços implicados por descrições comportamentais ficam vinculados a outros sujeitos que não o actor, como por exemplo um comunicador que descreve um comportamento (Skowronski et al., 1998), ou até um sujeito aleatório (Goren & Todorov, 2009). Este segundo efeito é mais fraco que o efeito de IET, e manifesta especificidade de traço (Skowronski et al., 1998).

Um dos mais importantes reflexos do aparecimento deste efeito de TET foi a possibilidade de comparação entre este e as IETs, nomeadamente no que diz respeito aos processos que estão na base da ocorrência destes efeitos, tendo surgido duas posições opostas quanto a esta questão: uma associativa simples e uma dualista. De acordo com alguns autores (Bassili & Smith, 2002), tanto as IETs como as TETs têm por base processos associativos simples, que permitem a associação entre o traço activado durante a codificação do comportamento com qualquer elemento presente no contexto. Por outro lado, alguns autores (e.g. Crawford et al., 2007□) defendem que estes dois efeitos implicam mecanismos cognitivos diferentes, estando na base das TETs processos associativos simples (Todorov & Uleman, 2004; Carlston & Skowronski, 2005), e na base das IETs processos atribucionais controlados.

O estudo anteriormente apresentado foi desenvolvido com o objectivo principal de determinar quais os processos subjacentes às IETs e TETs, com recurso ao

paradigma dos falsos reconhecimentos, tendo por base o estudo de Goren e Todorov (2009). Foi empregue o Procedimento de Dissociação de Processos (PDP), originalmente proposto por Jacoby (1991) que permite estimar os contributos de processos automáticos e controlados na realização de uma mesma tarefa. De acordo com McCarthy e Skowronski (2011), que estudaram as IETs nas mesmas condições (paradigma dos falsos reconhecimentos com aplicação do PDP), era esperado encontrar maior influência da componente automática nas IETs e, de facto, os resultados evidenciaram diferenças na componente automática (maior para IETs do que para TETs) e não na componente controlada. Estes resultados podem ser explicados de acordo com os diferentes níveis de processamento (Craik & Lockhart, 1972). McCarthy e Skowronski (2011) verificaram que a diminuição do efeito de IET (na condição correspondente a um processamento mais superficial) estava associada a uma diminuição dos contributos automáticos. Desta forma, no estudo apresentado, os ensaios de processamento mais superficial eram correspondentes a TET e os ensaios de processamento mais profundo correspondentes a IET, sendo assim esperado que nos ensaios de TET a componente automática diminuísse em relação aos de IET, tal como se verificou. Ferreira e colaboradores (2011) recorreram ao paradigma da recordação com pistas (Winter & Uleman, 1984) e a uma manipulação da carga cognitiva inter-sujeitos, não tendo encontrado diferenças nas estimativas de processamento automático, obtidas com o PDP, no entanto verificaram que o contributo da componente controlada era superior para as condições isentas de carga cognitiva, o que parece sugerir que a aplicação do PDP origina resultados diferentes de acordo com os diferentes paradigmas.

Assim, a questão sobre os processos subjacentes a IETs e TETs mantém-se, parecendo necessário recorrer a diferentes metodologias na tentativa de esclarecer a natureza destes dois fenómenos. A investigação anterior tem tentado demonstrar a existência de diferenças entre IETs e TETs. O facto de, em determinadas condições experimentais, um dos efeitos ser afectado e outro não, parece sugerir a existência de dois mecanismos diferentes responsáveis pelos dois efeitos. Crawford e colaboradores (2007□) consideravam o facto de o efeito de IET ser maior do que o de TET e os efeitos de generalização e negatividade influenciarem mais as IETs do que as TETs como prova da existência de processos distintos, mas estes resultados podem dever-se a diferenças na força associativa entre estímulos. No caso da eliminação das TETs na presença da cara do actor do comportamento (Crawford et al., 2007□) uma possível explicação pode ser a do *overshadowing effect* (Rescorla & Wagner, 1972), segundo a

qual a presença de um estímulo mais saliente (no caso a cara do actor) diminui a resposta a outro estímulo. Goren e Todorov (2009) testaram também a hipótese dualista, com recurso ao paradigma dos falsos reconhecimentos. Os autores encontraram resultados que, mais uma vez, apesar de parecerem indicar a existência de dois mecanismos diferentes, podem ter explicações alternativas, mantendo-se assim a questão por resolver.

Sendo o paradigma dos falsos reconhecimentos um dos mais robustos na identificação dos fenómenos de IET e TET (e.g. Todorov & Uleman, 2002; Goren & Todorov, 2009), tal como o estudo anterior, o presente estudo terá por base esse mesmo paradigma. No paradigma de falsos reconhecimentos são apresentadas, numa primeira fase de exposição, fotografias emparelhadas com frases descritivas de comportamentos que são implicativas de traço (e.g. a frase *O João ganhou o torneio de xadrez com mais de 50 participantes* é implicativa do traço *inteligente*). Na fase de reconhecimento, as fotografias surgem emparelhadas com um traço e é pedido aos participantes para que indiquem se o traço estava presente na frase anteriormente apresentada com aquela fotografia. Alguns destes pares fotografia-traço são correspondentes (o traço é o implicado pela descrição comportamental apresentada com aquela fotografia), outros pares são traços e fotografias aleatoriamente emparelhados. Caso o traço seja (falsamente) reconhecido como presente na frase anterior, no caso dos ensaios correspondentes, evidencia a ocorrência de IET. Para atestar a ocorrência de TET neste paradigma, e tal como no estudo anterior, na fase inicial as fotografias são apresentadas em duas condições – em alguns ensaios os participantes são informados que a fotografia apresentada é relevante para o comportamento (ensaios IET), noutros casos o emparelhamento fotografia-comportamento é feito aleatoriamente (ensaios TET). Os falsos reconhecimentos de traço para os pares de emparelhamento aleatório evidenciam o fenómeno de TET.

A ocorrência de IET poderá dever-se a contributos controlados e automáticos mas a ocorrência de TET dever-se-á a processos associativos simples, não atribucionais, uma vez que a manipulação efectuada na fase de exposição (indicação de que há caras que são irrelevantes para o comportamento e estão aleatoriamente emparelhadas com este) deve eliminar a base para o estabelecimento de uma associação entre o traço e a fotografia. Assim, se a diferença entre IETs e TETs for uma questão atribucional, esta só se verificará em função de informação potencialmente atribucional (como por exemplo traços de personalidade). A introdução neste paradigma de um tipo de

inferências não atribucionais, as inferências instrumentais, poderá ajudar a esclarecer a natureza destes dois fenómenos.

O estudo das inferências instrumentais tem demonstrado que estas ocorrem a partir da leitura e compreensão de informação relativa a uma acção um determinado contexto – por exemplo, quando é inferida a palavra “*martelo*” a partir da leitura da frase “*Ele pregou o quadro à parede*”. Este efeito inferencial foi demonstrado com recurso a vários paradigmas, nomeadamente o paradigma de reconhecimento da prova (McKoon & Ratcliff, 1981) e paradigma de Stroop (Doshier & Corbett, 1982). McKoon e Ratcliff (1981) verificaram que na compreensão de frases relativas a uma determinada acção ocorre a activação de instrumentos relevantes para essa acção (por exemplo, *martelo* para a acção *pregar na parede*), activação essa que foi evidenciada pelo reconhecimento incorrecto da presença da palavra-teste (o instrumento) nas frases lidas (experiências 1 e 2). Verificaram ainda que são apenas os instrumentos mais relevantes para essas acções que com elas ficam associados (experiências 3 e 4). Doshier & Corbett (1982) demonstraram que esta activação de conceitos instrumentais não ocorre automaticamente, mas sim quando é importante para a compreensão. Lucas, Tanenhaus e Carlson (1990) estudaram o nível de representação que é acedido na realização de inferências instrumentais através de tarefas de decisão lexical e nomeação e demonstraram que este tipo de inferências requer acesso a informação em memória, não sendo apenas resultado de verificação do contexto.

No presente estudo serão utilizadas frases descritivas de acções que originem inferências instrumentais, para estabelecer comparação entre estas e as inferências de traço (atribucionais). Neste estudo as frases implicativas de traço funcionarão como estímulo significativo (uma vez que deverão originar IETs e TETs). As frases descritivas de acções, correspondentes a inferências instrumentais, funcionarão como estímulo neutro. Espera-se que os estímulos significativos dêem origem a IETs e TETs, sendo para as inferências de traços de personalidade o efeito de IET superior, replicando assim o estudo anterior. No caso dos estímulos neutros, na fase de reconhecimento, serão apresentadas como palavras-teste os instrumentos inferidos, emparelhadas com fotografias do actor da acção ou fotografias irrelevantes para a acção. De acordo com a investigação anterior (e.g. McKoon & Ratcliff, 1981) a inferência instrumental deverá acontecer, elicitando respostas *Sim* (a palavra apresentada estava presente na frase anteriormente lida) na fase de teste. O falso reconhecimento dos instrumentos revelará a existência dessa mesma inferência. Caso as IETs sejam atribucionais, estes instrumentos

não deverão ficar associados ao actor, ou seja, nos ensaios em que a fotografia é do actor do comportamento (ensaios IET) não deverá haver um valor significativo de falsos reconhecimentos do instrumento. Partindo deste pressuposto, e considerando todos os ensaios (inferências de traço e inferências instrumentais) deverá haver uma diminuição das IETs em relação ao estudo anterior, devido à introdução neste estudo das inferências não atribucionais. No caso das TETs não se esperam encontrar diferenças relativamente ao estudo anterior, uma vez que de igual forma, traços e instrumentos poderão ficar associados à fotografia aleatória, uma vez que este efeito de TET não implica estruturas de conhecimento atribucionais.

A comparação proposta entre dois tipos de inferência de natureza diferente (atribucional vs. não atribucional) permitirá tirar conclusões sobre os processos subjacentes às IETs. Caso se verifique que não se estabelecem associações significativas entre o instrumento e o actor poderá concluir-se que de facto as IETs têm uma natureza atribucional, ou seja, o traço de personalidade inferido é propriedade do actor, sendo esta a principal implicação desta investigação na literatura das IETs.

3.2.Método

Participantes

Estudantes do 1º ano da Licenciatura em Ciências Psicológicas da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

Material

Serão utilizadas as mesmas fotografias do estudo anterior, 60 fotografias a cores, 30 correspondentes a caras de pessoas do sexo masculino, 30 correspondentes a caras de pessoas do sexo feminino. Serão utilizadas 30 frases descritivas de comportamentos utilizadas no estudo anterior. Algumas destas serão implicativas de traço (e.g. *O Vítor está sempre a organizar festas e convívios*), outras serão frases que contém o traço (e.g. *A generosa Raquel faz todos os meses uma doação para uma instituição humanitária*). Um outro tipo de frases será incluído: 30 frases descritivas de acções (e.g. *A Maria*

pregou o quadro à parede), sendo que algumas delas incluem um instrumento relevante para essa mesma acção (e.g. *A Maria pregou o quadro à parede com um martelo*).

3.3.Procedimento

O procedimento será semelhante ao do estudo anterior, sendo também os participantes informados de que se tratará de um estudo de memória. O estudo será composto por 2 fases distintas, fase de exposição e a fase de reconhecimento. Na fase de exposição, no ecrã do computador, surgirão pares de fotos e frases, que deverão ser memorizadas uma vez que serão objecto de um teste de memória numa fase seguinte. As fotografias surgirão, tal como anteriormente, com molduras de duas cores diferentes – fotografias com moldura azul corresponderão ao actor relevante para o comportamento, e fotografias com moldura vermelha indicam que a fotografia e a frase são aleatoriamente emparelhadas.

Fase de Exposição

Serão apresentados 60 ensaios, 30 dos quais com moldura azul, 30 com moldura vermelha. Dentro de cada um destes 30 (azuis ou vermelhos), 10 corresponderão a fotografias emparelhadas com frases contendo o traço ou instrumento, 10 corresponderão a fotografias emparelhadas com frases implicativas de traço (correspondentes aos ensaios que poderão originar ocorrência de IET ou TET) e 10 corresponderão a fotografias emparelhadas com frases referentes a uma acção (inferências instrumentais). Cada ensaio será apresentado durante 6 segundos com uma pausa de 1,5 segundos entre ensaios. Tanto nas fotografias como nas frases será controlado o sexo do indivíduo (15 fotografias do sexo feminino, 15 do masculino; nos ensaios aleatórios o sexo da fotografia será em alguns casos, diferente do da frase). Serão realizados dois ensaios de prática.

Fase de Reconhecimento

Nesta fase serão mostrados pares compostos pelas fotografias apresentadas anteriormente emparelhadas com palavras-teste, que podem ser, os traços (presentes ou

implicados nas frases), ou os instrumentos (presentes ou não nas frases). Os sujeitos terão de seleccionar a tecla Sim ou Não no teclado para indicar se a palavra-teste agora apresentada estava presente na frase anteriormente apresentada emparelhada com aquela fotografia. Os sujeitos serão encorajados a dar a resposta o mais rapidamente possível, e serão realizados 2 ensaios de prática. A fase de reconhecimento será constituída por 60 ensaios críticos, sendo as fotografias as mesmas que as apresentadas na fase de exposição, mas sem moldura. Em alguns dos ensaios a palavra-teste será uma palavra que surge nas frases da fase de exposição, quer seja o traço ou instrumento. Estes ensaios serão os de resposta correcta *Sim*. Nos restantes ensaios as palavras-teste serão palavras que não estiveram presentes nas frases da fase de exposição (serão os traços implicados ou instrumentos) e são ensaios de falsos reconhecimentos. Estes correspondem a 10 ensaios de IET (no caso das fotografias com moldura azul na fase de exposição) e 10 ensaios de TET (fotografias anteriormente com moldura vermelha).

O *design* utilizado será 2 (tipos de foto moldura azul ou vermelha) x 2 (tipos de frase com ou sem traço) x 2 (inferência de traço ou instrumento). Os ensaios de emparelhamento *Correspondente* são os ensaios em que a fotografia surge emparelhada com a mesma palavra-teste da fase de exposição (implicada ou presente na frase) e os de emparelhamento *Não Correspondente* são ensaios em que fotografia é aleatoriamente emparelhada com uma palavra-teste diferente da fase de exposição; os ensaios *Relevantes* são ensaios de moldura vermelha – o comportamento é do actor – e os ensaios *Irrelevantes* são os de moldura azul – o comportamento e a fotografia são aleatoriamente emparelhados).

4. Conclusão

Esta investigação teve como objectivo tentar esclarecer quais os processos subjacentes aos efeitos de inferência e transferência espontânea de traço. Esta questão tem vindo a tornar-se um debate central na literatura de IET e TET, havendo duas posições distintas acerca desta problemática. Para alguns autores, ambos os efeitos têm por base processos associativos simples (e.g. Brown & Bassili, 2002), outros autores consideram que as IETs têm uma natureza atribucional e são mediadas por processos controlados, enquanto que as TETs têm uma natureza associativa (e.g. Carlston & Skowronski, 2005; Crawford et al., 2007; Crawford et al., 2008). Embora tenham sido encontradas evidências que parecem sugerir de facto que as IETs e TETs são dois processos distintos (e.g. Goren & Todorov, 2009), estas não permitem afirmar definitivamente que o serão, devido à existência de explicações alternativas para os resultados.

No estudo realizado nesta investigação foi aplicado o procedimento de dissociação de processos (PDP) ao paradigma de falsos reconhecimentos (Todorov & Uleman, 2002), de forma a estimar os contributos automáticos e controlados para cada um dos efeitos IET e TET. Os resultados demonstraram não haver diferenças no componente controlado, sendo o componente automático superior para as IETs do que para as TETs. Estes resultados são aparentemente discordantes com as propostas anteriormente apresentadas na literatura, mas podem ser explicados pela consideração dos postulados dos níveis de processamento (Craik & Lockhart, 1972) em conjunto com os resultados obtidos por McCarthy & Skowronski (2011; experiência 1). McCarthy e Skowronski (2011) estudaram as IETs nas mesmas condições (paradigma dos falsos reconhecimentos com aplicação do PDP) e verificaram que a redução do efeito de IET (na condição correspondente a um processamento mais superficial) estava associada a uma diminuição dos contributos automáticos, não tendo encontrado diferenças nos contributos controlados. A aplicação do PDP ao paradigma de recordação com pistas (Ferreira et al., 2011) revelou diferenças apenas nos contributos controlados o que leva à conclusão que aplicação do PDP nos diversos paradigmas poderá levar a diferentes resultados, evidenciando a necessidade de procura de outras metodologias no estudo de IETs e TETs.

Assim se verificou que a questão acerca da natureza de IETs e TETs se mantém, tendo sido proposta uma investigação com recurso ao mesmo paradigma dos falsos

reconhecimentos mas com a introdução de uma manipulação para tentar esclarecer sobre a natureza atribucional das IETs. Especificamente, sugere-se a introdução de inferências não atribucionais (inferências instrumentais) para comparar, na fase de teste, a existência de associação entre traço-actor e instrumento-actor. Se a primeira associação está já verificada de forma robusta na literatura, a segunda não deve acontecer caso as IETs sejam de facto atribucionais. Caso esta hipótese se confirme, será mais um passo na tentativa de demonstrar que de facto as IETs têm uma natureza cognitiva mais complexa do que as TETs.

A questão dos processos subjacentes a IETs e TETs é de central importância na compreensão destes dois fenómenos, uma vez que poderá ajudar a esclarecer sobre a própria relevância de ambos os efeitos na compreensão do mundo social, e certamente continuará a ser objecto de estudo no âmbito das inferências sociais (para uma revisão consultar Orghian et al., in prep.).

5. Bibliografia

- Asch, S. E. (1946). Forming impressions of personality. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 41, 258-290.
- Bassili, J. N., & Smith, M. C. (1986). On the spontaneity of trait attributions: Converging evidence for the role of cognitive strategy. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 239-246.
- Brown, R. D., & Bassili, J. N. (2002). Spontaneous trait associations and the case of the superstitious banana. *Journal of Experimental Social Psychology*, 38(1), 87-92.
- Bassili, J. N. (1989b). Traits as action categories versus traits as person attributes in social cognition. In Bassili (Ed.), *On-line cognition in person perception* (pp.61-89). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Carlston, D. E., & Skowronski, J. J. (1986). Trait memory and behavior memory: The effects of alternative pathways on impression judgment response times. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 5-13.
- Carlston, D. E., & Skowronski, J. J. (1994). Savings in the relearning of trait information as evidence for spontaneous inference generation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66, 840-856.
- Carlston, D. E., Skowronski, J. J. (2005). Linking versus thinking: Evidence for the different associative and attributional bases of spontaneous trait transference and spontaneous trait inference. *Journal of Personality and Social Psychology*, 89, 884-898.
- Carlston, D. E., Skowronski, J. J., & Sparks, C. (1995). Savings in relearning: II. On the formation of the behavior-based trait associations and inferences. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69, 420-436.
- Challis, B. H., & Broadbeck, D. R. (1992). Level of processing affects priming in wordfragment completion, *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, 18, 595-607.
- Craik, F. I., & Lockhart, R. S. (1972). Levels of processing: A framework for memory research. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, 11(6), 671-684.

- Crawford, M.T., Skowronski, J.J., & Stiff, C. (2007a). Limiting the spread of spontaneous trait transference. *Journal of Experimental Social Psychology*, 43, 466-472.
- Crawford, M. T., Skowronski, J. J., Stiff, C., & Scherer, C. R. (2007b). Interfering with inferential, but not associative, processes underlying spontaneous trait inference. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 33(5), 677-690.
- Crawford, M.T., Skowronski, J.J., Stiff, C., & Leonards, U. (2008). Seeing but not thinking: Limiting the Spread of Spontaneous Trait Transference II. *Journal of Experimental Social Psychology*, 44, 840-847.
- Dosher, B. A., & Corbett, A. T. (1982). Instrument inferences and verb schemata. *Memory & Cognition*, 10, 531-539.
- Ebbinghaus, H. (1885/1964). *Memory: A contribution to experimental psychology*. New York: Dover.
- Ferreira, M. B., Garcia-Marques, L., Sherman, S. J., & Sherman, J. W. (2006). Automatic and controlled components of judgment and decision making. *Journal of Personality and Social Psychology*, 91, 7997-813.
- Ferreira (2011)
- Gilbert, D. T. (1989). Thinking lightly about others: Automatic components of the social inference process. In J. S. Uleman & J. A. Bargh (Eds.), *Unintended thought: Limits of awareness, intention, and control* (pp. 189-211). New York: Guilford Press.
- Goren, A., & Todorov, A. (2009). Two Faces Are Better Than One: Eliminating False Trait Associations With Faces. *Social Cognition*, 27(2), 222-248.
- Jacoby, L. L. (1991). A process dissociation framework: Separating automatic from intentional uses of memory. *Journal of Memory and Language*, 30(5), 513-541.
- Jacoby, L. L., Kelley, C. M., Brown, J., & Jasechko, J. (1989). Becoming famous overnight: Limits on the ability to avoid unconscious influence of the past. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56, 326-338.
- Jennings, J. M., & Jacoby, L. L. (1993). Automatic versus intentional uses of memory: Aging, attention, and control. *Psychology and Aging*, 8, 283-293.

- Jones, E. E., & Davis, K. E. (1965). From acts to dispositions: The attribution process in person perception. In L. Berkowitz (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (Vol. 2, pp. 219-266). New York: Academic Press.
- Keenan, J. M., Potts, G. R., Golding, J. M., & Jennings, T. M. (1990). Which elaborative inferences are drawn during reading? A question of methodologies. In D. A. Balota & G. B. Flores d'Arcais (Eds.), *Comprehension processes in reading* (pp. 377-402). Hillsdale, NJ, England: Lawrence Erlbaum Associates.
- Kelley, H. H. (1967). Attribution theory in social psychology. In D. Levine (Ed.), *Nebraska Symposium on Motivation* (Vol. 15, pp. 192-238). Lincoln, NE: University of Nebraska Press.
- Lambert, A. J., Payne, B. K., Shaffer, L. M., Jacoby, L. L., Chasteen, A., & Khan, S. (2003). Attitudes as dominant responses: on the "social facilitation" of prejudice in anticipated public contexts. *Journal of Personality and Social Psychology*, 84, 277-95.
- Lucas, M. M., Tanenhaus, M. K., & Carlson, G. N. (1990). Levels of representation in the interpretation of anaphoric reference and instrument inference. *Memory & Cognition*, 18, 611-631.
- Mae, L., Carlston, D., & Skowronski, J. J. (1999). Spontaneous trait transference to familiar communications: Is a little knowledge a dangerous thing? *Journal of Personality and Social Psychology*, 77, 233-246.
- Mckoon, G., & Ratcliff, R. (1981). The comprehension processes and memory structures involved in instrumental inference. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, 20, 671-682.
- McKoon, G., & Ratcliff, R. (1986). Inferences about predictable events. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory and Cognition*, 12, 82-91.
- Payne, B. K. (2001). Prejudice and perception: the role of automatic and controlled processes in misperceiving a weapon. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81, 181-92.
- Payne, B. K. (2005). Conceptualizing control in social cognition: How executive functioning modulates the expression of automatic stereotyping. *Journal of Personality and Social Psychology*, 89, 488-503.

- Rescorla, R. A., & Wagner, A. R. (1972). A theory of Pavlovian conditioning: Variations in the effectiveness of reinforcement and nonreinforcement. In A. H. Black & W. F. Prokasy (Eds.), *Classical conditioning II: Current research and theory* (pp. 64-99). New York: Appleton-Century-Crofts.
- Rozin, P., & Royzman, E. B. (2001). Negativity bias, negativity dominance, and contagion. *Personality and Social Psychology Review*, 5, 296-320.
- Skowronski, J. J., Carlston, D. E., Mae, L., & Crawford, M. T. (1998). Spontaneous trait transference: Communicators take on the qualities they describe in others. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 837-848.
- Stroop, J. R. (1935). Studies of interference in serial verbal reactions. *Journal of Experimental Psychology*, 12, 643-662.
- Thomson, D. M., & Tulving, E. (1970). Associative encoding and retrieval: Weak and strong cues. *Journal of Experimental Psychology*, 86, 255-262.
- Todorov, A., & Uleman, J. S. (2002). Spontaneous trait inferences are bound to actors' faces: Evidence from a false recognition paradigm. *Journal of Personality and Social Psychology*, 83, 1051-1065.
- Todorov, A., & Uleman, J. S. (2003). The efficiency of binding spontaneous trait inferences to actors' faces. *Journal of Experimental Social Psychology*, 39, 549-562.
- Todorov, A., & Uleman, J. S. (2004). The person reference process in spontaneous trait inferences. *Journal of Personality and Social Psychology*, 87, 482-493.
- Toth, J. P., Reingold E. M., & Jacoby, L. L. (1994). Toward a redefinition of implicit memory: Process dissociations following elaborative processing and self-generation. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, 20(2), 290-303.
- Trope, Y. & Liberman, A. (1993). Trait conceptions in identification of behavior and inferences about persons. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 19, 553-562.
- Tulving, E., & Thomson, D. M. (1973). Encoding specificity and retrieval processes in episodic memory. *Psychological Review*, 80 (5), 352-373.

- Uleman, J. S., & Moskowitz, G. B. (1994). Unintended effects of goals on unintended inferences. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66, 490-501.
- Uleman, J. S., Hon, A., Roman, R. J., & Moskowitz, G. B. (1996b). On-line evidence for spontaneous trait inferences at encoding. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 2, 377-394.
- Uleman, J. S., Newman, L. S., & Moskowitz, G. B. (1996a). People as flexible interpreters: evidence and issues from spontaneous trait inferences. In M. P. Zanna (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (Vol. 28, pp. 211-279). San Diego, CA: Academic Press, pp. 211-279.
- Uleman, J. S., Blader, S. L., & Todorov, A. (2005) Implicit Impressions. In R. R. Hassin, J. S. Uleman, & J. A. Bargh (Eds.), *The new unconscious* (pp. 362-392). New York: Oxford University Press.
- Van Overwalle, F. & Labiouse, C. (2004). A recurrent connectionist model of person impression formation. *Personality and Social Psychology Review*, 8, 28-61.
- Winter, L., & Uleman, J. S. (1984). When are social judgments made? Evidence for the spontaneousness of trait inferences. *Journal of Personality and Social Psychology*, 47, 237-252.
- Winter, L., Uleman, J. S., & Cunniff, C. (1985). How automatic are social judgments? *Journal of Personality and Social Psychology*, 49, 904-917.
- Wyer, R. S., & Srull, T. K. (1986). Human Cognition in its Social Context. *Psychological Review*, 93(3), 322-359.
- Wyer, R. S., & Srull, T. K. (1989). *Memory and cognition in its social context*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.